



AS PERSONAGENS MACHADIANAS E AS GENTIS LEITORAS: CONTRASTES NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*

Valdiney Valente Lobato de Castro (UFPA)¹


Resumo: Machado de Assis escreveu ininterruptamente para o *Jornal das Famílias* (1863-1878), periódico de Baptiste Louis Garnier destinado a auxiliar as mulheres leitoras em suas atividades de esposa e dona do lar. Esse requintado jornal, além de um apuro formal, caracterizava-se por trazer as novidades européias à corte, o que influenciou na excelente recepção. Apesar do tom moralizante, os contos machadianos saídos nessa folha vão além da mera representação da perfeita esposa dona do lar ou da mocinha ingênua casamenteira e contrastar as personagens dessas narrativas com a proposta do jornal é o tema deste estudo.

Palavras-chave: Machado de Assis; Conto; *Jornal das Famílias*

Se o XIX constituiu-se como o século em que as principais transformações políticas e sociais promoveram a identidade brasileira, o jornal foi o veículo que favoreceu e ajudou a consolidar essas mudanças. Na segunda metade desse século havia uma grande quantidade de folhas públicas com circulação na cidade do Rio de Janeiro e graças às estradas de ferro e ao navio a motor a comunicação com as províncias e com os outros países tornou-se mais célere, possibilitando o trânsito desses periódicos. Desde 1808 a então Cidade da Corte esteve mais próxima das influências estrangeiras respirando ares de capital européia e servindo de principal pólo cultural para o resto do país, por isso as notícias saídas nas gazetas da corte interessavam a todos os brasileiros que aguardavam ansiosamente a chegada das folhas da capital para embebedarem-se das novidades tanto brasileiras quanto estrangeiras divulgadas no suporte.

Por esse interesse entende-se a razão da grande quantidade de jornais cariocas: havia jornais específicos por área, como o de engenharia ou o de medicina, ou de um interesse dos leitores, como os de cunho político ou religioso, e ainda os destinados a um gênero exclusivo, como aqueles escritos para o público feminino. Entre esses há o *Jornal das Famílias* dedicado às mulheres leitoras, suporte que por dezesseis anos encantou as jovens e as senhoras da agitada capital carioca. Baptiste Louis Garnier, o proprietário do jornal, foi líder do comércio livreiro do Brasil por três décadas e, ao contrário de outras publicações, suas edições saíam com um grande cuidado para minimizar os erros tipográficos e mantendo rigidamente o prazo de entrega. Acrescenta-se esse apurado controle os contatos estabelecidos com as principais figuras da época e

¹ Graduado em Letras (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA). Contato: valdineyvalente@hotmail.com



desvenda-se a razão de seu sucesso: foi por meio de suas prensas que grande parte da literatura nacional chegou originalmente ao público leitor.


Sua relação com os periódicos teve início com a *Revista Popular* em 1859, publicação quinzenal com temas variados como política, economia, agricultura e literatura e um pequeno espaço reservado para os assuntos femininos: costurar e cozinhar. Apesar do pouco sucesso a boa receptividade do público principalmente dessa coluna incitam o dedicado francês a lançar a partir de janeiro de 1863 o *Jornal das Famílias* com periodicidade mensal e destinado exclusivamente às leitoras, o que se nota no primeiro editorial:

Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidades das famílias. Literatura amena, algumas ilustrações, muitas gravuras, desenhos à aquarela coloridos, moldes de trabalhos de croché, bordados, lã, tapeçaria; figurinos de modas; peças de música inéditas; para o qual tem contratado os melhores artistas (JORNAL DAS FAMÍLIAS, janeiro de 1863)

Pela redação sugere-se que o novo jornal é uma continuação da *Revista Popular*, no entanto, há evidente distinção entre os dois. O primeiro era destinado a um público mais amplo enquanto o segundo é proposto especificamente para as mulheres leitoras; a periodicidade foi alterada e a organização das seções também, além da inserção de novos colaboradores e de novas seções. Curioso destacar que a *Revista Popular* tem temas variados e periodicidade quinzenal, sendo mais próximo dos aspectos de um jornal enquanto que o *Jornal das Famílias* refere-se a um público mais específico e tem periodicidade mensal, o que se aproxima mais do gênero revista. Ainda é preciso observar o novo jornal sendo anunciado como uma edição melhorada, isto porque, destina-se exclusivamente à formação familiar tendo um foco específico, distante da variedade temática do periódico anterior.

No recorte também já se anunciam os assuntos comuns no novo empreendimento: narrativas, poesias, culinária, higiene e moda, o que revela a *instrução moral* pretendida pelo jornal. Há ainda a ser considerada a referência feita às famílias e não especialmente à mulher, apesar dos assuntos serem claramente de interesse do público feminino.

Em 1864, com um ano de atividade, o periódico lança novo texto:



Um ano. (...) Envidamos todos os esforços, não nos poupamos a despesas e sacrifícios afim de dar aos leitores e sobretudo às gentis leitoras que se dignam dispensar conosco algumas horas e lançar os olhos às páginas que escrevemos, um volume nítido, variado, elegante, digno de ornar, pela amenidade de seus artigos, pela perfeição de seus desenhos, pelo fino de suas gravuras, pela delicadeza de sua impressão, as estantes dos literatos, os gabinetes dos artistas, e o perfumado camarim de nossas amáveis leitoras. Que cumprimos a missão a que nos comprometemos, prova-o o acolhimento em extremo lisonjeiro que recebemos do público, acolhimento que, a continuar, como esperamos, nos permitirá a realização de diversos melhoramentos que temos em mente, já na parte material, já na parte literária ou intelectual. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, janeiro de 1864, p. 04)

O cuidado no tratamento do jornal elucida a razão de seu sucesso. Apesar de não haver condições de levantar a quantidade dos exemplares publicados, o texto revela a boa acolhida que o periódico teve e lança informações quanto às alterações a serem feitas nas seções das próximas edições.

O elegante jornal estruturado com: artigos amenos, desenhos perfeitos, gravuras finas e impressões delicadas projetam ideia de requinte e encanto, o que estabelece perfeita relação com os termos *gentis* e *amáveis*, presentes nos editoriais, compondo a imagem de passividade e obediência esperadas da mulher leitora.

Vale lembrar que a família de Garnier já tinha editora em Paris e com a introdução do navio a vapor, nas rotas do Atlântico Sul, a viagem para a Europa reduziu-se de 75 para 22 dias, garantindo que a publicação do novo periódico na capital francesa tivesse custos baratos e melhor qualidade de produção com no mínimo, cerca de 32 páginas ricamente ilustradas, imagens coloridas e formato in folio 8, além de possibilitar que a seção de moda apresentasse as últimas tendências da França

O público tinha grande interesse pelos produtos franceses e a demora não comprometia a entrega no prazo estipulado, isso porque o tempo entre a escritura dos textos até o recebimento pelos leitores, que durava mais de um mês, não envelhecia os temas veiculados, pois discutir os acontecimentos da atualidade não era o objetivo do jornal.

A preocupação com a moralização e com a instrução da mulher para ser boa esposa e mãe é a tônica do jornal que:

mesmo editado por homens, demonstra preocupação em satisfazer mesmo que sob a ótica masculina, aos anseios de suas leitoras. Elas não são informadas sobre as conquistas alcançadas pela mulher em todo o mundo, mas são retratadas pela iconografia e pelas cartas de redação como efetivadas leitoras, que precisam ser educadas para dar ordens às criadas, que desejam ser informadas sobre as últimas tendências da moda de Paris e que precisam ler literatura para se distrair e para aprender com os sucessos e fracassos das protagonistas das narrativas. Enfim lendo e se informado, seriam melhores mães e esposas. (PINHEIRO, 2002, p. 98)

Esse intento estava presente na própria capa do jornal, que, durante seus dezesseis anos de existência manteve a mesma ilustração: uma mulher sentada, em meios a utensílios de costura, muito à vontade, com os olhos atentos em sua tarefa, como ilustra a capa de 1864 e a de 1878, sendo que esta última tem os endereços (no Brasil e na França) para a correspondência, a ampliação da ilustração com detalhes da rica casa da mulher e o contorno com desenho bem trabalhado.



Fonte: *Jornal das Famílias* (janeiro de 1864 e janeiro de 1878)

Alexandra Pinheiro adverte quanto à ilustração da capa: “No *Jornal das Famílias*, apesar de a capa mostrar, mês após mês, uma mulher costurando, a iconografia que ornamenta as seções tem poucas imagens que remetem ao trabalho manual.” (2002, p. 67).

Na sua maioria, as ilustrações apresentavam a mulher lendo para a família ou passeando com uma amiga ou, ainda, cercada por crianças. São imagens muito bem cuidadas, com mulheres geralmente brancas, ricamente vestidas, em ambientes, na sua maioria, claramente burgueses.


Em todas as imagens elas aparecem muito tranquilas, dominando perfeitamente a cena, como preparadas para a situação social que lhes cabia, com postura invejável, olhar sempre muito terno e impecavelmente vestidas. O cuidado com a ilustração, seguramente um dos atrativos do jornal, pode ser percebido nas imagens que seguem:



Fonte: *Jornal das Famílias* (novembro e dezembro de 1869)

A rica ilustração de novembro revela a mulher leitora, com o livro em sua mão. Em muitas imagens o volume é utilizado como mero ornamento, assim como os objetos de costura, representando algo comum no dia a dia da mulher. A ilustração de dezembro pertence a última página do jornal, da seção de modas. Nela, a posição da mulher que segura a menina sugere o papel da mãe ao apresentar sua filha à sociedade.

Quanto às seções do periódico, Maria Helena Câmara Bastos, ao estudar o periódico, assegura que ao todo foram 59 colaboradores divulgados. Dentre esses, há destaque para Paulina Philadelphia, Victoria Colona e Maria Inagcia Magna, mulheres



colaboradoras em seções como Anedotas, Poesia, Mosaico e Economia Doméstica. A presença delas, além de reforçar a ideia de ser um jornal bem aceito pelas mulheres, é necessária para tratar de temas cruciais para ensinar a mulher a coordenar as atividades do lar. O número de escritoras é pequeno:


(...) na seção *novelas e romances*, entre setenta e um colaboradores, com um total de 252 títulos, encontram-se apenas cinco mulheres com 18 títulos, isto é, 6% e 7% respectivamente das colaborações totais. Na seção *poesias* em um total de 88 colaboradores com 187 poesias o grupo feminino é um pouco mais representativo: sete poetisas (8%) com 15 poesias (8%), sendo 9 de uma só autora – Honorata Minelvina. (BASTOS, 2002, p. 182)

Entre as seções do jornal havia algumas fixas e outras que foram, ao longo dos anos, sendo modificadas. Quatro seções se mantiveram presentes em todas as edições publicadas: “Romances e Novelas”, “Mosaico e Anedotas”, “Poesias” e “Modas e trabalhos”. Entre essas, as duas que mais faziam sucesso eram “Romances e Novelas”, que abria o jornal e “Modas e trabalhos”, a última seção que era acompanhada por um suplemento de moldes.

A seção “Economia Doméstica” tratava exatamente da preparação para a mulher que iria administrar o lar. Nessa seção, iniciada em 1865, há receitas culinárias, dicas para tomar cuidados e economizar na cozinha, noções de etiquetas, remédios caseiros, informações quanto à higiene necessária em um lar, enfim todas as lições importantes para uma boa dona de casa. Também com teor moralizante, a seção “Mosaico e Anedotas”, nos quatro anos iniciais, abordava temas variados: conselhos de beleza, de economia doméstica, anedotas, considerações sobre educação. Esses temas tinham, portanto, a função de amenizar as preocupações causadas pelo dia a dia.

No editorial de outubro de 1874, o jornal sintetiza a importância das suas seções:

Recrear suas leitoras com poesias e variados artigos de mero interesse literário, não é missão exclusiva do Jornal das Famílias. Além deste propósito, que por certo não deixa de ser digno de toda a solicitude da parte de sua redação, tem o nosso jornal por timbre e dever instruir o sexo, cujas graças naturais por sem dúvida se centuplicam, quando realçadas pelo brilhantismo de uma educação esclarecida. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, outubro de 1874)




Ao mesmo tempo em que se propõe uma leitura fácil e agradável, também se apresenta instrução às leitoras. Esta última proposta, por muitas vezes, esteve atrelada à ideia de ensinar às mulheres a cuidar de suas casas, tratar adequadamente de seus maridos e educar seus filhos, o que também foi tema de muitas das narrativas publicadas na seção “Romances e Novellas”, a primeira do periódico e presente em todos os números. Os colaboradores dessa seção eram, em geral, muito conhecidos do público: Augusto Emílio Zaluar, poeta português e tradutor, que escreveu vários textos para jornais diversos e prefácios famosos; Augusto Fausto de Souza, bacharel em ciências físicas, militar, historiador e político brasileiro; Caetano Filgueiras, político brasileiro, presidente da província de Goiás e também Joaquim Manuel de Macedo. No entanto, das 223 narrativas publicadas no *Jornal das Famílias*, 86 são de autoria de Machado de Assis que utilizou diferentes pseudônimos: Job, Máximo, Max, Camilo da Anunciação, Marco Aurélio, Victor de Paula, Lara, X, Otto, entre outros. Significa que mais de trinta por cento dos textos publicados são de autoria do Bruxo do Cosme Velho.

O primeiro conto do autor, publicado nesse folhetim, foi “Frei Simão”, em junho de 1864 e o último, “Dívida extinta”, saiu em novembro e dezembro de 1878. Assim, os textos machadianos estão presentes em todos os anos e em quase todos os meses do periódico, acompanhando todo o percurso do jornal; em algumas edições até três narrativas do autor foram publicadas simultaneamente.

Como Machado de Assis tinha plena consciência das leitoras do *Jornal das Famílias* é evidente que a composição de suas personagens femininas não ocorreu ingenuamente, por isso ao invés de apresentar histórias apenas amenas como os demais colaboradores do periódico, suas narrativas possibilitam a reflexão.

É verdade que o tom moralizante percorre em seus textos, mas o leitor astuto percebe a complexidades das personagens machadianas por revelarem muito mais do que fragilidade e submissão, comum às damas retratadas nas diversas seções do jornal. Vale lembrar as dicas, no periódico, de como as donas de casa devem se relacionar com seus maridos, tratar os empregados, fazer receitas, vestirem-se adequadamente enfim, de como cumprirem seu papel de esposa e mãe.

As personagens de Machado de Assis são afortunadas financeiramente, mas o tema que dá mote aos contos vai muito além das amenidades retratadas no periódico: as mulheres dos seus contos oferecem complicação mais acentuada, seus comportamentos




e discursos contêm arestas, dilemas, ambiguidades. Isso não evidencia uma oposição frontal contra o poder que as figuras masculinas de então detinham, mas revelam-se como mecanismos de romper sutilmente com o papel que lhes era destinado.

As mulheres que aceitam passivamente seu destino são desafortunadas ou pela morte ou pela infelicidade. As diversas etapas presentes nas narrativas mostram a corrosão da idealização do casamento romântico ao revelar os desequilíbrios possíveis de ocorrer antes, durante ou depois que o matrimônio se realiza. Ao contrastar essas mulheres às gentis leitoras *do Jornal das Famílias* é possível entender o porquê dos textos de Machado de Assis terem feito tanto sucesso: ao contrário das demais seções do jornal que banalizavam a inteligência das leitoras, os contos do autor ofereciam complicações necessárias para empolgar uma boa leitura.

Ressalte-se que o interesse pelo tema não é o único motivo do sucesso do autor, mas também a genialidade com que construía suas narrativas. Para o sucesso dessa técnica o narrador é um elemento que não pode ser esquecido: é ele o responsável em conduzir o leitor, a fim de abrir algumas portas e fechar outras para construir as impressões que espera causar. Não é um elemento confiável que conduz o leitor pela história, ao contrário, muitas vezes é capaz de abandoná-lo ou enganá-lo, através do jogo estabelecido entre o narrador, o autor e o leitor, o que permite à leitura ganhar mais de uma interpretação por meio do que se esconde ou se revela no texto.

Por mais que as narrativas tenham sido escritas para um jornal moralizante há, desse modo, elementos que enriquecem a ficção ao trazer novas possibilidades de análise e tirar o leitor da zona de conforto a partir de reflexões mais profundas. As histórias satisfazem tanto o leitor tradicional, oferecendo a ele uma história com fundo moralizante, quanto o leitor mais atento, que ao ler nas entrelinhas do texto, percebe possibilidades de ruptura nas narrativas aparentemente tradicionais. No entanto, essa reflexão não pode ser entendida como uma condução do leitor a uma concepção que se quer defender, ao contrário, é uma problematização do comportamento humano e a reflexão é a proposta, sem que seja dada uma resposta às questões levantadas.

Essas personagens muitas vezes preferem abandonar seu interesse pessoal para atender o que apregoa a sociedade patriarcal, por isso o subterfúgio, o silêncio e a resignação funcionam como estratégias para expressar seus anseios e vontades. Desse modo, o texto não apresenta apenas a obediência aos ditames da elite social, mas




possibilita perceber a força dos desejos íntimos e a impossibilidade de se acreditar que as aparências sociais, aquilo que Machado denomina de alma exterior, fossem capazes de condicionar definitivamente a pessoa moral.

Atente-se que o autor não pretende implodir a ordem social propondo uma revolução, mas sim uma sutil ruptura em relação aos modelos anteriores. Com isso, ao dar complexidade às personagens, ele mostra como o discurso do jornal, que tenta dar conta de um comportamento de uma parcela da burguesia, cria também fendas. A complexidade da figura feminina impossibilita que ela seja contida nos valores defendidos pelo periódico, mas o escritor faz isso de modo muito discreto, velado; é preciso ler nas entrelinhas para perceber essas arestas.

Para o leitor resta a impressão de que algo está em desequilíbrio, como se houvesse algo a mais do que a obediência e a passividade, ou que há algo nas aparências digno de atenção. A desarmonia é percebida em traços quase imperceptíveis espalhados pelo texto, por isso não se pode afirmar que as personagens sejam subversivas ou insubmissas, mas que a sua adequação ao padrão moral é problemática: quando elas aderem à moralidade sofrem com isso, o que pode ser entendido como uma crítica do autor.

A leitura atenta dos contos pode ampliar essa compreensão: nas 89 narrativas apresentadas no *Jornal das Famílias*, a representação do casamento como um enlace fruto de um amor desinteressado de aspectos sociais e materiais e idealizado, como desfila pelas obras de Macedo e Alencar, raramente aparece. Somente nos contos “O anjo das donzelas”, “Linha reta e linha curva”, “Felicidade pelo casamento”, “A pianista”, “Astúcias de um marido”, “Possível e impossível”, “Não é mel para a boca de asno”, “Quinhentos contos”, “A parasita azul”, “Uma águia sem asas”, “Ernesto de tal”, “Quem desdenha”, “Almas Agradecidas”, “A última receita”, “História de uma fita azul” e “Longe dos olhos” a representação do amor e do casamento parece seguir a ideologia do jornal.

Nos demais, muitas vezes, os enlaces são desenhados como uma mera aceitação de um papel social do qual é impossível fugir, como se lê em “Fernando e Fernanda”, “Onda”, “Aurora sem dia”, “O último dia de um poeta”, “Carolina”, “História de uma lágrima”, “O caminho de damasco”, “Nem uma nem outra”, “Um homem superior”, “A menina dos olhos pardos”, “Onze anos depois”, “O passado, passado” e “D. Mônica”.




E a infidelidade, também distante do que apregoam as sessões dos jornais, está presente tanto do homem em “Carlota e Hortência”, “O relógio de ouro” e “Casada e viúva”, quanto da esposa como na narrativa “Confissões de uma viúva moça”, que agitou os leitores oitocentistas com a traição de Eugênia; ou em “Antonia”, onde a personagem já é introduzida como dissimulada; ou ainda em “Antes que cases”, história em que Alfredo descobre que sua esposa Angela, diante da falência iminente, reconstrói a riqueza do casal, por meio de um adultério.

Como se as traições não fossem um artifício suficiente para se opor à instrução casamenteira das gentis leitoras, os casamentos por interesse também abundam no periódico. É o que ocorre, por exemplo, em “O segredo de Augusta”, em que Vasconcelos pretende casar a filha Adelaide com Gomes, pois está falido e pretende beneficiar-se com o consórcio. Também em “Luiz Soares”, o personagem homônimo pretende casar com Adelaide para usufruir dos 300 contos da herança da preterida esposa. Do mesmo modo, Helena, na narrativa “Quinhentos contos”, percebe que Luís e Carlos estão interessados apenas em sua fortuna.

Na maior parte das narrativas em que esses noivos ambiciosos aparecem, o alvo não são as ingênuas e ricas mocinhas casadoiras, mas sim as viúvas. Se há uma personagem que é comum nos contos machadianos, além dos jovens estudantes, são as belas e afortunadas viúvas. Quase como em um ensaio para a jovem viúva Fidélia, de *Memorial de Aires*, essas mulheres surgem na narrativa como uma saída para os jovens desafortunados, pois possuem além de beleza, juventude e educação primorosa, uma grande fortuna capaz de liquidar todos os problemas financeiros dos aspirantes as suas mãos. Serve de exemplo o conto “To be or not to be”, em que André espera ascender socialmente por meio do casamento com a viúva Claudia, mas tem seus planos fracassados quando ela o dispensa.

No entanto, nem todos os contos publicados no periódico tratam dos enlaces amorosos. O conto “Virginus”, por exemplo, publicado em 1864, trata de um crime: o narrador é advogado e tem a tarefa de auxiliar Julião, que assassinou a própria filha, Elisa, para defendê-la de Carlos, que queria desonrá-la. O desejo sexual, o que é incomum nas obras de Machado, aparece ainda no conto “O pai”, de 1866, em que Valentim promete casamento a Emília, mas, depois que a despuçela, foge. Como solução para a complicação, o pai de Valentim torna-se amigo do pai de Emília e, por



isso, obriga o tratante a casar com a desvirginada noiva, que lhe desagradava devido à sua origem inferior.

Assim, é possível compreender que grande parte dos textos machadianos publicados no jornal do Garnier vai além da moralidade e da instrução matrimonial, objetivos do periódico espalhados nas diversas seções. Uma leitura atenta dos contos, na ordem cronológica em que foram escritos, desnuda uma progressiva e acelerada mudança na produção do autor. Os contos saídos a partir de 1868, já com dez anos de experiência e com cerca de trinta contos já produzidos, parecem revelar o quanto o autor se lança por diversas saídas tanto rompendo com o tema do casamento quanto dando outras nuances a esse mesmo tema. Datam dessa época, por exemplo, “O Anjo Rafael”, de 1869; e de 1870: “A vida eterna”, “O capitão Mendonça”, “O rei dos caiporas” e “Aurora sem dia”. Em 1871, além de “Mariana” e “O caminho de Damasco”, publicou ainda “Aires e Vergueiro”, mostrando um narrador que esconde do leitor até as últimas linhas a traição de Carlota; “A felicidade”, que mostra Mendonça, que parece não acreditar no amor súbito. E ainda: “Almas Agradecidas”, com a ironia no final do texto ressaltando a mágoa que ficou entre dois cavalheiros por ambos amarem Cecília: “Foram amigos até a morte, posto que Oliveira não frequentasse a casa de Magalhães”. Essas experimentações, ao longo dos anos, se acirram sem abandonar em alguns textos o tema do casamento, mas encontrando outras maneiras de representá-lo.

Referências

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das Famílias Brasileiras no Século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). In: **Revista Portuguesa de Educação**, Portugal: Universidade do Minho, 2002.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, Rio de Janeiro, 1863-1878

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): Dois empreendimentos de Garnier** (Dissertação de Mestrado) Assis: UNESP, 2002.